



**DAS RAÍZES E RESISTÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS DO OLHAR FOTOGRÁFICO NOS QUILOMBOS RIBEIRÃO GRANDE, TERRA SECA E CEDRO, NO MUNICÍPIO DE BARRA DO TURVO - SP**

**ROOT AND RESISTENCE: EXPERIENCES OF THE PHOTOGRAPHIC LOOK OF QUILOMBOS RIBEIRÃO GRANDE, TERRA SECA AND CEDRO, IN THE MUNICIPALITY OF BARRA DO TURVO - SP**

**Armando Manoel Neto**

Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Educação da  
Universidade Federal de São Carlos - PPGE UFSCAR  
[armando.manoel.neto@gmail.com](mailto:armando.manoel.neto@gmail.com)

**Resumo**

O relato de experiência apresentado busca refletir sobre a importância da aproximação entre a ciência teórica e o conhecimento tradicional, historicamente marginalizado e negligenciado pelo conhecimento formal. Propomos o olhar fotográfico como meio de intermediar atividades compartilhadas de trocas de conhecimento junto às comunidades nos quilombos Ribeirão Grande, Terra Seca e Cedro, localizados no município de Barra do Turvo – SP. A abordagem apresentada pelo relato se refere a realização de atividades horizontais e não hierarquizadas, rompendo com a lógica tradicional acadêmica e reconhecendo que as comunidades quilombolas são detentoras de um conhecimento significativo e que a transmissão desse conhecimento é importante para a sua manutenção. Além disso ressalta-se a importância da fotografia e do olhar fotográfico como meio de desmistificar a realidade quilombola, que comumente é tomada como uma realidade estagnada, intocada e que não se transforma no tempo e espaço. Como resultado percebe-se que o desenvolvimento dessas práticas, apresenta resultados positivos tanto para as comunidades tradicionais, que passam a ter um registro formal de suas existências e que assim contribuem para a sua resistência, assim como para o conhecimento acadêmico, que passa a compreender melhor outras lógicas de conhecimento que ampliam a sua maneira de atuar nas múltiplas realidades atuais.

**Palavras-Chave:** Quilombo; Comunidades tradicionais; Fotografia; Antropologia visual

**ABSTRACT**

This experience report seeks to reflect on the importance of the approximation between theoretical science and traditional knowledge, historically marginalized and neglected by formal knowledge. We propose the photographic eyesight as a means of intermediating shared activities for the exchange of knowledge with communities in the quilombos Ribeirão Grande, Terra Seca and Cedro, located in the municipality of Barra do Turvo - SP. The approach presented by the report refers to horizontal and non-hierarchical activities, breaking with traditional academic logic and recognizing that quilombola communities have significant knowledge and that the transmission of this knowledge is important for its maintenance. In addition, the importance of photography and the photographic eyesight is emphasized as a means of demystifying the quilombola reality, which is commonly taken as a stagnant, untouched reality that does not change in time and space. As a result, it can be seen that the development of these practices has positive results for both traditional communities, which start to have a formal record of their existence and thus contribute to their



resistance, as well as to academic knowledge, which they now understand better other logics of knowledge that expand its way of acting in the multiple current realities.

**Keywords:** Quilombo; Traditional Communities; Photography, Visual Anthropology.

Meu primeiro encontro com os amigos, amigas e mestres dos quilombos Ribeirão Grande, Terra Seca e Cedro, localizados no município de Barra do Turvo no sul do estado de São Paulo, se deu em meados de 2013.

Na ocasião, levei minha câmera fotográfica, fiz algumas boas imagens, e redigi aquelas primeiras notas que guiaram minha atuação acadêmica e fotográfica nos cinco ou seis anos seguintes. As fotos que envio para a revista Geoaraguaia ilustram alguns dos momentos de uma oficina de mapeamento participativo do geógrafo Tarsio Tognon nas comunidades, uma de muitas iniciativas que acompanhei por lá. Justo também que eu relate aqui que toda minha atuação junto aos quilombos foi profundamente marcado pela universidade pública: na visita de 2013, fomos eu e Anna de Andrade Dieguez, então estudante de geografia, à convite de Dona Clarisdina e o Sr. Waldomiro de Lima, do Terra Seca. Anna conheceu Dona Clarisdina por ocasião de uma viagem de campo aos quilombos, dentro da disciplina geografia agrária, ministrada pela professora doutora Valéria de Marcos, em 2012, na Universidade de São Paulo.

Um misto de olhar acadêmico e fotográfico já me atravessava na época. As aulas da antropóloga Profa. Dra. Sylvia Caiuby Novaes no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA) da USP haviam despertado há pouco em mim o interesse pela antropologia visual. Conhecer um quilombo, nesta época da formação, deu matéria para eu conseguir fixar sonhos e memórias em imagens, e refletir sobre os valores e sensibilidades políticas tão caros a um pesquisador em Ciências Humanas, seja ele antropólogo, geógrafo ou fotógrafo. Pois foram estes três ramos de conhecimento, que, olhando para trás, percebo como se fortaleceram, cada vez mais, à cada ida ao quilombo. Modestamente, depois da primeira visita, no âmbito de um trabalho de campo de iniciação científica, considero que foi potente nossa produção de conhecimento e realizações compartilhadas com as comunidades: diversos ensaios fotográficos de alcance nacional e internacional; pesquisas publicadas sobre alimentação, cultura, conflitos político-territoriais; um calendário de uso da comunidade de práticas, datas e saberes tradicionais; dois documentários curta-metragem; oficinas audiovisuais com os jovens, que foram premiadas; e um sem número de bailes, rezas, casamentos, mutirões de roçada que participamos. Acredito que este é o momento



mágico do encontro na pesquisa em ciências humanas: quando se esvai a imagem do pesquisador entre os interlocutores, e constrói-se a condição de amigos, de lutas e de festas.

As Comunidades Remanescentes de Quilombos de Ribeirão Grande, Terra Seca e Cedro se localizam no Vale do Ribeira, região localizada ao sul do estado de São Paulo. Ela é conhecida também pela preservação do bioma endêmico Mata Atlântica. Em Barra do Turvo, o território é recortado pelo rio Ribeirão Grande e, paralelo a ele, pela rodovia vicinal que liga à diminuta zona urbana de Barra do Turvo à Rodovia Régis Bittencourt (BR-116). Nos três quilombos vivem por volta de 100 famílias. O Relatório Técnico Científico (RTC) elaborado por Rubens Alves da Silva, pelo Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) sobre o Terra Seca e Ribeirão Grande e o Cedro observa:

A maior parte destas famílias moram em casas construídas ao longo das margens do rio Turvo e Ribeirão Grande. A maioria em moradias simples e sem muito conforto; construídas com paredes de tábuas de madeira e cobertas com telhado de amianto. Para de ter uma ideia, em quase todas casas visitadas durante pesquisa de campo, pude observar que os móveis encontravam-se em condições precárias ou eram rústicos – com destaque especial para o fogão à lenha feito de taipa, no canto das cozinhas. O meio de subsistência das famílias é garantido basicamente pelo que é conseguido colher do plantio de roças - principalmente milho, mandioca, feijão, cana e banana. A criação de animal para o consumo próprio ou comercial é mais raro.” (Silva, 2007, p.29)

Na década de 1960, o estado de São Paulo, na “esteira” do pensamento desenvolvimentista, passa a promover a instalação de unidades de conservação de uso restrito no Vale do Ribeira. A resistência dos povos negros frente às restrições de uso e ocupação da terra, impulsionadas pelo movimento de legitimação institucional do discurso ambiental por meio dessas políticas públicas, incentivou e consolidou práticas de reposição de pequenos patrimônios territoriais relacionados ao parentesco. Até os dias de hoje, incidem sobre o Vale debates entre discursos preservacionistas e conservacionistas, que influenciam a dinâmica contemporânea das políticas agrárias e ambientais.

Em 1988, a Constituição brasileira reconheceu juridicamente a existência dos quilombos e, na década de 1990, houve uma forte identificação dos grupos rurais do Vale com o termo. Pequenos sítios invocaram a condição de remanescentes das populações negras que fugiram da escravidão, e passaram a questionar as políticas ambientais que tendiam à criminalizar suas práticas



tradicionais, forçando-os a sair de seus territórios e alterando seu modo de vida. A mobilização e a participação de grupos como o Movimento dos Atingidos por Barragens (MOAB) e Pastoral da Terra, no Vale do Ribeira, também são importantes para se pensar o que o antropólogo Maurício José Arruti (2006) identifica como a etnogênese dos povos quilombolas no Brasil. O quilombo no contexto configura-se assim como uma estratégia ou arranjo que visa contornar a pressão sobre os estoques territoriais e o empobrecimento na região, e que, no presente, convergem também para a luta pela consolidação de um direito constitucional (Paoliello, 2007.p.127).

De modo mais recente:

Em 2008, com a recategorização da área para uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável, a gestão passa a se dar de forma compartilhada entre moradores e governo estadual, possibilitando à comunidade viver e plantar em seu território, porém sem total autonomia. O caráter conservacionista ao qual o território está submetido acaba, muitas vezes, levando à burocratização das práticas tradicionais, alterando uma teia de relações que se tinha com a natureza e abrindo espaço para interesses de ONGs, empresas e do próprio governo (Dieguez, 2014).

“Mapas e Resistências” é a foto que envio para a capa desta edição da Revista Geoaraguaia. Foram esses dois potentes conceitos que vivenciei naquela oficina de mapeamento colaborativo. Meu lembro de São Penicha apontando os cumes dos morros, localizando os vales e sertões que se estendem pela região afora. As lendas de um caminho de roça de quinze dias, mata adentro. Os mapas cartográficos de hoje, quando impressos, já são por si só visivelmente instigantes, mas ver o pessoal se apropriar deles, traçar os caminhos, os pontos que de alguma maneira ou de outra são importantes para a comunidade, as nascentes d’água, a vizinhança; significou algo mais. Um encontro. Entre geografias, pessoas, espaços, saberes e resistências. Quilombo!

Quando recebi o convite para o envio da foto e do relato de experiência que a contextualiza, não pude deixar de refletir também sobre meu papel nesta amizade e nessa importante experiência que vivenciei nos quilombos dos meandros do Rio Turvo. Acredito que há por trás de toda fotografia uma série de micro-histórias, muito particulares a ela, que envolvem num mesmo emaranhado de sentidos o fotógrafo, o mundo visualizado, e aquele que a contempla.

Apresentei aqui brevemente uma dessas micro-histórias que esta foto provoca, talvez este seja de fato o relato de experiência que aqui lhes revelo. O que eu gostaria de apontar nele, em



linhas gerais, é uma ação de transformação multilateral que permeou todos os meus caminhos no Vale.

De um lado, sinto que todos os meus olhares foram abalados quando me encontrei com isso que podemos pensar como uma espécie de mitologia dos quilombos. Há uma imagem no senso comum brasileiro, quase uma memória social implantada, que nos faz imaginar os quilombos estagnados num passado colonial, marcada por populações negras isoladas e apartadas de uma suposta “civilização”, que os escravizava. É como se estivéssemos presos numa imagem de Jean Baptiste Debret. O que acredito propor com minhas fotografias é justamente a alteração deste *status quo* imagético, ou seja um enfrentamento desta visão colonialista, que é também marcadamente classista e racista, e que aponta para um projeto político do exotismo e do distanciamento, em relação a estes e tantos outras grupos humanos em nosso país.

Não consigo deixar de pensar no quanto aprendi com as fotos dos alimentos, nas hortas e nas conversas para o calendário que aqui citei. O quanto aprofundi meu conhecimento sobre geografia, legislação e questões ambientais nas conversas com a Nilce Pontes Pereira, liderança quilombola e amiga que preciso também citar neste relato. Posso dizer que depois de toda esta experiência me senti mais disposto a buscar um ideal humanista de sociedade, e uma Ciência que pensa, se preocupa e olha para essa sociedade, com respeito e como ela é, e não por meio de uma visualidade pré determinada.



**Figura 1:** Atividade de Mapeamento Colaborativo realizada no quilombo Ribeirão Grande.  
Fonte: Acervo do autor.

Diante das atividades realizadas em conjunto com os quilombolas e tendo como base as perspectivas captadas nos trabalhos de campo, percebi que ainda estamos distantes de um país justo, democrático e respeitador das diferenças para muitos que aqui habitam. Pude visualizar nestas minhas aventuras, as marcas e a história da desigualdade, que nenhum pesquisador ou ativista das ciências humanas pode ignorar no Brasil, seja na antropologia, na geografia ou na fotografia. O que fixei na retina foi a resistência e a beleza da vida destas pessoas, seu amor por



sua família, suas tradições e sua terra. O que me fez inclusive entender que os quilombos são de certa forma responsáveis pela conservação da Mata Atlântica no Vale do Ribeira, pois vivem em sinergia com ela.

Por outro lado, tendo a acreditar que esta imagem que lhes chega pela capa da Geoaraguaia permita um olhar e uma reflexão sobre o reconhecimento das pessoas dos quilombos, e de tantas outros grupos como indígenas, ribeirinhos, caiçaras, como cidadãos de direitos e dignos de cuidados e reparações históricas.

Estes indivíduos e grupos merecem atenção de nós pesquisadores, que estamos em situação de privilégio social, no sentido de termos esta oportunidade de frequentar o campo universitário da pesquisa, da extensão, e do ensino superior público no Brasil. Que a ciência se abra para as vozes, rostos e sabedorias que ficaram às margens, e que se alie à estes contra a imposição de um sistema capitalista voraz, que ameaça sua existência. O enfrentamento político e epistemológico de questões históricas, coloniais e injustas, é o olhar que sugiro para esta imagem e este relato. Muito obrigado.

## REFERÊNCIAS

ARRUTI, J. M.: **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

DIEGUEZ, A. A.: Agrofloresta e agricultura tradicional: Uma análise das práticas alimentares no quilombo Ribeirão Grande - Terra Seca em Barra do Turvo-SP *In: Anais do VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária*, VII Simpósio Nacional de Geografia Agrária e 1ª Jornada de Geografia das Águas - A Questão Agrária no Século XXI: escalas, dinâmicas e conflitos territoriais, 2013.

PAOLLIELO, R. M.: **As Comunidades Tradicionais no Vale do Ribeira**: da reprodução camponesa às re-significações dos patrimônios territoriais. *Agrária* (São Paulo. Online), v. 3, 2006. p. 58-82.

\_\_\_\_\_. **Remanescentes de Quilombos**: redes sociais e processos políticos. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais* (UNESP. Araraquara. Impresso), v. 32, p. 127-159, 2007.

SILVA, R. A.: Performances narrativas nos quilombos do alto Vale do Ribeira. *In: DAWSEY, J.; et. ali.* (Org.). **Antropologia e Performance - Ensaio Napedra**. 1ªed. São Paulo: Terceiro Nome, v. 1, 2013. p. 101-116.

\_\_\_\_\_. **Relatório Técnico-Científico sobre a comunidade remanescente de quilombos do Cedro - Vale do Ribeira-SP**. 2007.